

VATICANO II E O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

- *Vaticano II – 50 anos de ecumenismo na Igreja Católica*, E. Wolff
- *Doutrina Social da Igreja e o Vaticano II*, L. G. Scudeler
- *O Concílio Vaticano II e os pobres*, M. C. Domezi
- *Liturgia no Vaticano II – Novos tempos da celebração cristã*, A. S. Bogaz / J. H. Hansen
- *Vaticano II – Novos tempos e novos templos*, A. S. Bogaz / J. H. Hansen
- *A religiosidade popular à luz do Concílio Vaticano II*, M. A. Vilhena
- *A missão no Vaticano II*, M. Restori
- *Vaticano II e o diálogo inter-religioso*, W. L. Sanchez
- *O Vaticano II e a leitura da Bíblia*, P. L. Vasconcellos / R. R. da Silva
- *A música litúrgica no Brasil*, J. Fonseca / J. Weber
- *Revelação e diálogo intercultural – Nas pegadas do Vaticano II*, A. M. L. Soares

WAGNER LOPES SANCHEZ

**VATICANO II
E O DIÁLOGO
INTER-RELIGIOSO**



Direção editorial: *Claudio Avelino dos Santos*
Assistente editorial: *Jacqueline Mendes Fontes*
Coordenador de revisão: *Tiago José Risi Leme*
Revisão: *Cícera Gabriela Sousa Martins*
David Brendo
Iranildo Bezerra Lopes
Diagramação: *Dirlene França Nobre da Silva*
Capa: *Marcelo Campanhã*
Ilustração da capa: *Aurélio Fred Macena dos Santos*
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sanchez, Wagner Lopes
Vaticano II e o diálogo inter-religioso / Wagner Lopes Sanchez. — São Paulo: Paulus, 2015. — (Coleção Marco conciliar)

ISBN 978-85-349-4227-0

1. Concílio Vaticano II (1962-1965) 2. Diálogo inter-religioso
3. Documentos oficiais 4. Ecumenismo 5. Igreja Católica -
História - Século 20 I. Título. II. Série.

15-06379

CDD-262.52

Índices para catálogo sistemático:

1. Concílio Vaticano II: Documentos 262.52

1ª edição, 2015

© PAULUS – 2015
Rua Francisco Cruz, 229
04117-091 São Paulo (Brasil)
Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5087-3700
www.paulus.com.br
editorial@paulus.com.br
ISBN 978-85-349-4227-0

SIGLAS

AA	-	<i>Apostolicam Actuositatem</i>
AAP	-	<i>Ad Apostolorum Principis</i>
AG	-	<i>Ad Gentes</i>
CA	-	<i>Centesimus Annus da Rerum Novarum</i>
CD	-	<i>Christus Dominus</i>
CDSI	-	Compêndio da Doutrina Social da Igreja
CV	-	<i>Caritas in Veritate</i>
DC	-	<i>Deus Caritas Est</i>
DH	-	<i>Dignitatis Humanae</i>
DR	-	<i>Divini Redemptoris</i>
DSI	-	Doutrina Social da Igreja
ES	-	<i>Ecclesiam Suam</i>
FC	-	<i>Finis Concilio Oecumenino Vaticano II</i>
GS	-	<i>Gaudium et Spes</i>
LE	-	<i>Laborem Exercens</i>
LG	-	<i>Lumen Gentium</i>
MM	-	<i>Mater et Magistra</i>
NA	-	<i>Nostra Aetate</i>
OA	-	<i>Octogesima Adveniens</i>
PC	-	<i>Perfectae Caritatis</i>
PP	-	<i>Populorum Progressio</i>
PT	-	<i>Pacem in Terris</i>
QA	-	<i>Quadragesimo Anno</i>
QCM	-	<i>Quanto Conficiamur Moerore</i>
RH	-	<i>Redemptor Hominis</i>
RM	-	<i>Redemptoris Missio</i>
RN	-	<i>Rerum Novarum</i>
SC	-	<i>Sacrosanctum Concilium</i>
SRS	-	<i>Sollicitudo Rei Socialis</i>
SS	-	<i>Spe Salvi</i>
UR	-	<i>Unitatis Redintegratio</i>

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO *MARCO CONCILIAR*

O Concílio Vaticano II, concluído há cinquenta anos, refez a Igreja católica em muitos aspectos e, em certa medida, o próprio cristianismo. A intenção de João XXIII, de promover um novo Pentecostes na Igreja, foi anunciada em várias ocasiões, desde sua primeira inspiração, como uma tarefa de construção assumida por ele; tarefa conduzida pela força de sua autoridade, mas também pelo vigor de seu carisma renovador. Sem a ousada inspiração e a liderança convicta e perseverante desse papa, certamente o Vaticano II não teria se realizado, ao menos com a dimensão e a profundidade que o caracterizou. Somente pela força carismática de líderes como João XXIII, se pode pensar em mudanças como as proporcionadas pelo Concílio em uma instituição milenar com doutrinas e regras cristalizadas.

Esse grande Concílio, o mais ecumênico de todos, refez a rota fundamental da Igreja ao colocá-la de frente com o mundo moderno. A Igreja, que estava distante da chamada modernidade e segura de sua posição e verdade, foi capaz de reposicionar-se e elaborar uma nova doutrina sobre o mundo e sobre si mesma. De isolada do mundo, assume-se como sinal de salvação dentro do mundo; de detentora da verdade, reconhece a verdade presente nas ciências, e passa a dialogar com elas; então definida como poder sagrado, passa a compreender-se como servidora da humanidade. E o mundo torna-se o cenário do drama humano: lugar de pecado e de graça, porém inscrito no plano maior do amor de Deus, que nos cria e nos chama para a comunhão consigo.

A Igreja e o mundo estão situados nesse plano misterioso de Deus, a ele se referem permanentemente e são compreendidos como realidades distintas e autônomas, porém em diálogo respeitoso e construtivo.

O Vaticano II abriu uma temporada nova na Igreja, como *fruto de inesperada primavera*, na intuição do papa João XXIII. A essa primavera, sucederam-se novos ciclos com climas diferenciados, sem nos poupar de invernos rigorosos. As decisões conciliares foram interpretadas e praticadas de diferentes modos nos anos que se seguiram à grande assembleia, em função de lugares e sujeitos envolvidos no processo de *aggiornamento*. Por um lado, é fato que muitas renovações aconteceram em diversas frentes da vida da Igreja. Tanto no âmbito das práticas pastorais quanto da reflexão teológica, o pós-Concílio foi um canteiro que fez a primavera produzir muitos frutos: renovação litúrgica em diálogo com as diferentes culturas, Igreja comprometida com os pobres, diálogo ecumênico e inter-religioso, doutrina social da Igreja, experiência de ministérios leigos etc. O novo se mostrou vigoroso, sobretudo nas primeiras décadas do pós-Concílio, e, particularmente, no hemisfério sul, nas Igrejas inseridas em contextos de pobreza e de culturas radicalmente distintas da cultura latino-cristã tradicional. Por outro lado, houve um esfriamento do carisma conciliar, uma vez que a história avançava impondo suas rotinas, mas, sobretudo, uma leitura que buscava evitar a ideia de renovação-ruptura com a tradição anterior. Segundo essa leitura, o Vaticano II teria inovado sem romper com a doutrina tradicional, incluindo a doutrina sobre a Igreja. Essas perspectivas revelam, na dinâmica pós-conciliar, as lutas por construir o verdadeiro significado do Vaticano II, do ponto de vista teórico e prático. Trata-se de leituras localizadas do ponto de vista geopolítico e teológico-eclesial, com sujeitos e ideias distintos, assim como marcadas por

esforços de demonstração da intenção original das decisões dos padres conciliares.

Se esse dado revela, de um lado, as dificuldades crescentes de um consenso, expõe, por outro, a atualidade do Concílio como marco eclesial e teológico importante para a Igreja. Pode-se dizer que o Vaticano II começou efetivamente no dia seguinte à sua conclusão, em 8 de dezembro de 1965. Na Audiência de 12 de janeiro de 1966, o papa Paulo VI reconhecia esse desafio de colocar o Concílio em prática, comparando-o a um rio que iniciava seu fluxo e se dispunha para a Igreja como tarefa para o futuro. E esse rio avançou, certamente, por terrenos nunca previstos, fecundou novas terras e produziu frutos com sua água sempre viva. Por outro lado, foi um rio represado por muitas frentes eclesiais que temiam sua força; foi desviado de seu curso e canalizado para diferentes direções. Contudo, o rio jamais cessou seu fluxo. Continua correndo na direção do Reino, levando sobre suas torrentes a frágil Barca de Pedro, com seus viajantes, ora cansados e temerosos, ora destemidos e esperançosos.

O Vaticano II não foi somente um evento do passado, mas constitui, de fato, o hoje da Igreja católica, a fonte de onde a Igreja retira o sentido fundamental para sua caminhada histórica e para o diálogo com a realidade atual. Esse “Concílio em curso” completa cinquenta anos, com uma história e um saldo que merecem ser visitados por todos os que estão atentos a sua importância para a Igreja, em permanente sintonia com o mundo que avança rapidamente em suas conquistas científicas e tecnológicas. Se a modernidade perscrutada pelos padres conciliares já não existe mais, ela deixou, entretanto, suas consequências positivas e negativas para nossos dias; consequências que exigem, de novo, o olhar atento da fé cristã, que busca distinguir os sinais dos tempos e lançar os cristãos como sujeitos ativos no mundo: parceiros de busca da verdade e na construção da fraterni-

dade universal.

A presente coleção, planejada e oferecida pela Editora Paulus, pretende revisitar o Vaticano II por várias entradas e oferecer rápidos balanços sobre questões diversas, nesses cinquenta anos de prática e de reflexão. Cada uma das temáticas é abordada em três aspectos: a orientação conciliar presente nos textos promulgados pelo grande Sínodo, o desenvolvimento da questão no período pós-conciliar e a análise crítica – balanço e prospectiva – da mesma. Esse triplice olhar busca conjugar o desenvolvimento da temática, do ponto de vista teórico e prático, ou seja, os seus desdobramentos no âmbito do Magistério e da reflexão teológica, assim como as suas consequências pastorais e sociais. A Igreja se encontra, nos dias atuais, em um momento fecundo de renovação de si mesma, após o conclave que elegeu o papa Francisco. O Vaticano II se encontra, nesse contexto, em uma nova fase, e deverá produzir seus frutos, em certa medida tardios, em muitas frentes que ainda não haviam sido enfrentadas pelos pontífices anteriores. A própria figura do atual papa remete para a eclesiologia do Vaticano II, tanto em suas atitudes como em suas palavras. Está viva a Igreja povo de Deus, a Igreja dos pobres, a Igreja servidora, misericordiosa e dialogal. O Concílio tem fornecido, de fato, a direção das reformas enfrentadas com coragem pelo papa a partir da Cúria Romana.

Esse contexto de revisão é animador e permite falar novamente do último Concílio como um marco histórico fundamental para o presente e o futuro da Igreja. É tempo de balanço e reflexão sobre o significado desse marco. Os títulos ora publicados pretendem participar dessa empreitada com simplicidade, coragem e convicção. Cada autor perfila a procissão dos convictos da importância das decisões conciliares para os nossos dias, mesmo sendo o mundo de hoje, em muitos aspectos, radicalmente diferente daquele visto,

pensado e enfrentado pelos padres conciliares na década de sessenta. O espírito e a postura fundamental do Vaticano II permanecem não somente válidos, mas normativos no marco da grande tradição católica. Mas, continua, sobretudo, um espírito vivo, uma vez que convida e impulsiona a Igreja para o diálogo com as diferenças cada vez mais visíveis e cidadãs em nossos dias, e para o serviço desinteressado a toda humanidade, particularmente aos mais necessitados.

Este volume é dedicado a um dos grandes temas tratados pelos padres conciliares: o diálogo inter-religioso. Na maior parte da sua história, a Igreja católica teve uma atitude de condenação em relação às demais religiões e aos seus membros. Com o Vaticano II, houve uma ruptura com essa atitude; em sintonia com o *aggiornamento* proposto por João XXIII, em que o diálogo tornou-se a palavra-chave, a Igreja católica escolheu outro caminho: o caminho da compreensão e do diálogo com as demais religiões. É o caminho da abertura e do amor que acolhe as diferenças na construção do Reino de Deus.

O diálogo ecumênico e o diálogo inter-religioso foram duas das grandes novidades do Concílio. A partir desse evento conciliar, a promoção do diálogo inter-religioso tornou-se uma das prioridades da Igreja católica. Para anunciar a mensagem evangélica mais fielmente, o Concílio propõe o diálogo com as demais religiões; a despeito das suas diferenças, elas são compreendidas como parceiras na construção de uma sociedade mais humana, prenunciando os valores do Reino.

Como disse o papa Francisco, o diálogo inter-religioso é uma exigência para a construção da paz e da justiça no mundo:

Uma atitude de abertura na verdade e no amor deve caracterizar o diálogo com os crentes das religiões não cristãs... Esse diálogo inter-religioso é uma condição necessária para a paz

no mundo e, por conseguinte, é um dever para os cristãos e também para outras comunidades religiosas (*Evangelii Gaudium*, 250).

João Décio Passos
Wagner Lopes Sanchez
Coordenadores

INTRODUÇÃO

A situação vivida pelo mundo e pela Igreja católica na ocasião da convocação do Concílio Vaticano II era bem diferente de uma época em que essa instituição tinha a hegemonia religiosa. Desde o século XVI, a Igreja católica teve que dividir o campo religioso com outras Igrejas cristãs nascidas da Reforma Protestante. Por outro lado, a expansão colonial iniciada no final do século XV levou os europeus a terem contato mais intenso com outras culturas e outras religiões. Missionários católicos e protestantes, em territórios de missão, se viram diante de religiões diferentes do cristianismo, que, por mais que se impusesse em territórios colonizados, encontrava resistência, sob diversas modalidades, por parte dos povos dominados.

A modernidade trouxe mudanças profundas, inclusive no mundo religioso. Ao mesmo tempo que instaurou um processo de “secundarização” da religião, em que ela perdeu o papel de referência para o conjunto da sociedade, fez nascer a consciência de que a diversidade religiosa é um valor legítimo, e a liberdade religiosa um direito a ser garantido pela sociedade civil e pelo Estado.

É nesse contexto que o Concílio se dedica a enfrentar temas até então tidos como muito difíceis, tanto para a teologia católica como para o próprio magistério. Temas difíceis porque tocavam em questões cruciais para a Igreja católica, que estavam relacionadas diretamente com a sua autocompreensão e com o seu lugar no mundo. No âmbito do campo religioso, os temas da liberdade religiosa, da diversidade re-

ligiosa e do lugar das religiões no plano de salvação estavam diretamente vinculados com o próprio lugar que a Igreja católica ocupava na sociedade ocidental. Apesar da existência de temores entre os padres conciliares, aos poucos foi despertando a consciência de que a Igreja católica precisava tratar desses temas com ousadia e despojamento.

Do ponto de vista oficial, o Concílio Vaticano II foi o responsável por iniciar uma nova era na Igreja católica, na relação com as demais religiões. É a partir do evento conciliar que surge a expressão diálogo inter-religioso, que será muito utilizada no interior da instituição para referir-se, de um lado, a uma nova atitude diante das outras religiões, e de outro lado, ao conjunto de atividades que visam se aproximar das outras religiões. O diálogo inter-religioso, depois do Vaticano II, tem, portanto, uma dupla característica: atitude e ação, princípio e movimento, busca e realização.

Com o Vaticano II, a Igreja católica descobre que o diálogo inter-religioso exige dos interlocutores compromisso com a verdade e com a busca do entendimento; que dialogar é sair de si para conhecer o outro e estar disponível para ser solidário com a sua vida, com as suas buscas; que dialogar é também estar disponível para abrir mão da intransigência e do fundamentalismo de todos os lados que nos separam dos outros e que impedem a convivência fraterna.

Nas páginas deste livro, os leitores encontrarão o caminho feito pela Igreja católica, com seus "altos e baixos", para ir ao encontro das outras religiões. Certamente, há muito a avançar, mas o caminho já foi inaugurado. Dentro dos limites de um livro destinado a refletir sobre "o Concílio Vaticano II e o diálogo inter-religioso", o leitor perceberá, nas páginas deste livro, um convite para afinar os ouvidos, clarear os olhos e abrir as mãos para acolher as religiões em suas riquezas, apesar de suas eventuais contradições e dificuldades, num mundo cada vez mais plural.

Pois o diálogo inter-religioso é um convite para acolher as outras religiões, que são nossas vizinhas¹ na construção de uma vida melhor e de um futuro de justiça e paz. As religiões não podem se esquivar desse compromisso de contribuir para a construção de uma sociedade onde a justiça e a paz sejam os valores mais importantes. O diálogo inter-religioso pode contribuir para que as religiões sejam mais abertas e mais flexíveis, mais acolhedoras e mais amorosas. Só assim as religiões poderão realizar a contento a sua missão de ser portadoras de esperança.

¹ Knitter, numa entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos, fala que devemos ser vizinhos inter-religiosos: “Devemos ser os vizinhos inter-religiosos dos outros” (<<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/505638-o-misterio-ultimo-e-sempre-maior-artigo-de-paul-knitter>>).